

GIL VICENTE

É menino ou menina?

Dramaturgia de Helder Costa



DIDACTICA EDITORA

Espectáculo produzido pela Cooperativa de Acção Social
"A BARRACA"

Estreado em 5 de Maio de 1980

Ficha Técnica

Actores

Maria do Céu Guerra e Orlando Costa

Música

Orlando Costa

Cenografia e Guarda-roupa

Jasmim

Iluminador

Paulo Graça

Dramaturgia e Encenação

HÉLDER COSTA

Textos extraídos das seguintes obras de Gil Vicente

Farsa de Inês Pereira

Quem Tem Farelos?

Auto da Índia

Auto de Mofina Mendes

Pranto de Maria Parda

Auto da Lusitânia

Farsa do Velho da Horta

Auto da Barca do Inferno

Auto da Festa

Triunfo do Inverno

Auto das Fadas

Farsa do Juiz da Beira

Comédia de Rubena

Poemas Líricos

AO LEITOR

É MENINO OU MENINA?, o melhor espectáculo levado à cena em 1980, como unanimemente o proclamou a crítica, teve o mérito de trazer à convivência com o público dos nossos dias um Gil Vicente bem vivo e pleno de interesse.

Quase esquecido durante mais de dois séculos e meio (a *Compilação* de 1562, 1.ª edição das suas obras completas, só em 1834 foi reeditada sem mutilações da censura), posteriormente objecto da atenção de estudiosos, recordado em comemorações oficiais, esporadicamente representado (o nosso Teatro Nacional programava-o uma vez por ano) e, em tempos mais recentes, descoberto por grupos de teatro experimental, mencionado nos programas escolares que, durante anos, apenas impuseram a leitura do *Auto da Alma* — bem pode afirmar-se que o nosso dramaturgo, de veia tão popular, nunca descera à rua. O que, de facto, só agora aconteceu com esta feliz e oportuna recriação.

É *Menino ou Menina?* não é, como todos sabem, o título de qualquer peça do criador do nosso Teatro: é, sim, o sugestivo nome dado a um espectáculo que teve por base uma dramaturgia concebida a partir do encaideamento de "cenas" extraídas de várias peças vicentinas cuja figura central é a Mulher.

Hélder Costa, secundado no trabalho de selecção por Maria do Céu Guerra e Orlando Costa, foi o criador dessa dramaturgia e da encenação que a crítica reconheceu como a melhor do ano de 1980. Maria do Céu Guerra — a melhor actriz do ano, como também a classificou a crítica — desdobrou-se espantosamente numa longa série de personagens que constituem o mundo feminino de Gil Vicente. Deu-lhe excelente réplica Orlando Costa, também autor dos textos musicais de que foi intérprete com a sua voz, a sua viola e a sua guitarra.

O leitor terá ocasião de travar conhecimento com as personagens, através do texto. Para uma primeira abordagem, aqui apresentamos, todavia, desde já, a sua relação completa:

ELA é:

Inês — da *Farsa de Inês Pereira*; **Mãe de Isabel** — da *Farsa Quem Tem Farellos?*; **Ama** — do *Auto da Índia*; **Mofina Mendes** — do *Auto de Mofina Mendes*; **Maria Parda** — do *Pranto de Maria Parda*; **Moça** — da *Farsa do Velho da Horta*; **Mulher do Velho** — da mesma farsa; **Velha** — do *Auto da Festa*; **Velha** — do *Triunfo do Inverno*; **Rubena** — da *Comédia de Rubena*; e, do ciclo das alcoviteiras e feiticeiras: **Branca Gil** —

da *Farsa do Velho da Horta*; **Leonor Vaz** — da *Farsa de Inês Pereira*; **Ana Dias** — da *Farsa do Juiz da Beira*; **Brízida Vaz** — do *Auto da Barca do Inferno*; e **Genebra Pereira** — do *Auto das Fadas*. Ao todo, portanto, quinze figuras diferentes, com textos de Gil Vicente e um ou outro, muito breve, da dramaturgia de Helder Costa, entre os quais o que finaliza o espectáculo e lhe dá o nome.

ELE é:

Escudeiro (Aires Rosado) — da *Farsa Quem Tem Farelos?*; **Escudeiro** (1.º marido de Inês) — da *Farsa de Inês Pereira*; **Ermitão** — da mesma farsa; **Pêro Marques** (2.º marido de Inês) — também da mesma peça; **Paio Vaz** — do *Auto de Mofina Mendes*; **Velho** — da *Farsa do Velho da Horta*; **Sapateiro** — da *Farsa do Juiz da Beira*; **Diabo e Anjo** — do *Auto da Barca do Inferno*; **Rapaz** — do *Auto da Festa*; uma **Voz** — do *Triunfo do Inverno*; **Parteira** — da *Comédia de Rubena*. Ele é também o **Narrador** — com textos de várias peças (*Auto das Fadas*, *Auto de Mofina Mendes*, *Auto da Lusitânia*, *Auto da Barca do Inferno*, *Auto da Festa*, *Comédia de Rubena*) e outros, breves, da responsabilidade de Helder Costa; é ainda, como se disse, o responsável pela envolvente ambientação musical do espectáculo, como autor e como intérprete.

É Menino ou Menina? constitui, pois, uma curiosa antologia da obra de Gil Vicente sobre a temática da Mulher; e, se é certo que a simples apresentação do texto, mesmo acompanhada de rubricas com indicações cénicas, terá de ficar muito aquém do extraordinário relevo que lhe foi dado pela representação no palco, não menos verdade é que esta edição tem o mérito indiscutível de oferecer ao leitor, para além dos textos seleccionados, uma interessante lição de dramaturgia.

O leitor mais atento e conhecedor da obra facilmente se dará conta da inteligente leitura e da agilidade da selecção. Verificará também que o texto é genuinamente vicentino, muito embora, aqui e além, uma ou outra expressão houvesse de ser actualizada e alguns versos em castelhano tivessem sido traduzidos, como convinha. Algures se escreveu, e com sobeja razão, que, em 1980, tinha surgido a mais inesperada parceria: a de Gil Vicente-Helder Costa.

Sobre o espectáculo se pronunciou, tanto em Portugal como no Brasil, a crítica teatral, de que em apêndice apresentamos alguns excertos. Nada nos compete acrescentar aqui, pelo que finalizaremos estas simples palavras, com que se apresenta a edição, repetindo apenas uma afirmação-síntese de quanto foi dito:

“Gil Vicente foi libertado e devolvido ao seu público, contra-atacando os academismos poeirentos que o oprimiam”.

Maio de 1981
O Editor

TEXTO

ELE

(Narrador; texto do
"Auto das Fadas")

Cantando

Qual de nós vem mais cansada
Nesta cansada jornada?
Qual de nós vem mais cansada?

Nosso mar é fortunoso,
Nosso viver lacrimoso,
E o chegar rigoroso
Ao cabo desta jornada.
Qual de nós vem mais cansada
Nesta cansada jornada?

Nós partimos caminhando,
Com lágrimas suspirando,
Sem saber como nem quando
Fará fim nossa jornada.
Qual de nós vem mais cansada
Nesta cansada jornada?

ELA

(= Inês, da "Farsa de
Inês Pereira")

Renego deste bordar
E do primeiro que o usou!
Ao diabo que eu o dou,
Que tão mau é de aturar!

*Luz sobre a mulher que limpa
o chão.*

Limpando o chão.

“É MENINO OU MENINA?”

E A CRÍTICA

(...) Para já, este *É Menino ou Menina?* é não só o melhor espectáculo de Gil Vicente a que já assisti (e isto até nem é elogio, pois os outros eram todos tão maus), mas também o mais emocionante reencontro de um dramaturgo com o público para quem ele escreveu e com o qual, durante séculos, não lhe foi permitido comunicar. Por isso, há razão de sobra para se estar bem mais alegre que a «Madanela quando achou a aleluia».

Numa interpretação das mais notáveis de que me lembro ter visto em palcos portugueses, Maria do Céu Guerra, como que prestando provas para actriz catedrática, atravessa idades e emoções, saboreando as palavras, como se acabasse de as inventar — quem pensaria que aquele *sútil* poderia fazer um teatro vir abaixo à gargalhada —, traçando aquelas mulheres vicentinas como se toda a vida com elas tivesse convivido e, naquele momento, sem mais nem menos, se lembrassem de recriar ali, à nossa frente.

Primeiro é a rapariga a caminho de ser mulher, Inês Pereira e as outras suas iguais ingénuas, teimosas e deslumbradas com as tentações do amor a que se submetem.

Desculpadas dos seus «erros» por serem abandonadas pelos homens que partem para as grandes viagens, «quando o sangue novo atíça», rápido elas aprendem as regras do jogo social e dele tiram partido, mas com ele sofrem também decepções, tal qual Mofina Mendes e o seu pote de azeite.

Depois, abrindo caminho às mulheres astutas, para quem os jogos da vida não têm segredos, embora elas ainda tenham certas ilusões de subsistir numa sociedade masculina que as empurra, vem Maria Parda, pranteando a falta do vinho, que

bem poderia ser a constante falta de qualquer outro género. (...)

No *Velho da Horta*, ela é a branca e tentadora moça, com um toque havaiano, a mulher rabujenta e, depois, a alcoviteira Brízida Vaz, à qual se seguem, todas diferentes e todas a transpirar vida, as outras alcoviteiras, Brízida Vaz e Lianor Vaz, que fala em brasileiro com a Inês, qual D. Áurea, ao som da música do *Dancin' Days*. Achei muito certa esta intromissão do nosso quotidiano no texto de um autor tão carregado de referências ao seu quotidiano, ao qual o público de hoje não tem acesso e que dificilmente se lhe conseguirá transmitir. A partir de aqui, toda uma linha a explorar.

Depois, a Filipa Pimenta, no grotesco patético da velha que quer noivo, pois o seu desejo vive ainda, afrontando as regras estabelecidas. Este episódio conduz à marginalidade de Genebra Pereira, a feiteiceira, a qual, um pouco inconscientemente, dá voz à sua «oiferença» com intenso poder dramático, o qual mais se adensa, a seguir, na cena do parto da Rubena, com o final «É menina!», que dá o significado a este tão bem engendrado percurso, no qual Maria do Céu Guerra nos conduz através da mulher vicentina, afirmando-se, com grande simplicidade de processos e enorme riqueza de registos emocionais, actriz entre as maiores.

No comentador discreto, e dando também réplica a todas aquelas mulheres, Orlando Costa canta, por vezes com muita graça, belíssimos versos de Gil Vicente, com música de sua autoria, que ajudam a dessacralizar os textos, contribuindo para o clima de livre recriação em que o espectáculo decorre (...)

Vitor Pavão dos Santos
in *O Jornal*, 23-5-80

(...) Neste espectáculo (admirável) a Barraca operou com a pasmosa facilidade de opção temática a reconversão que Gil Vicente há muito pedia e que outras tentativas não conseguiram, ou, pelo menos, não conseguiram tão convincentemente. Procurar na obra vicentina o olhar e a voz femininos, confrontá-los com alguns comportamentos masculinos, articular criticamente essas propostas através da música e do canto, por um lado, através da energia compósita das personagens e das situações, mesmo nos casos em que são rápidas as suas passagens — e aí está o Gil Vicente com o rosto forte do autor do nosso tempo sem perder o perfil do autor do seu tempo (...).

Carlos Porto
in *Diário de Lisboa*, 19-5-80

O Gil Vicente, o genial Gil Vicente que malbaratamos, que fossilizamos, que tantas vezes prostituímos, com quem tão-pouco e não raro com tão parca inteligência privamos, está neste momento em Lisboa, sobre as tábuas, através de um espectáculo de leitura subtilíssima e aprofundada, um espectáculo ludicamente fascinante onde ao rigor com que foram trabalhados textos e subtextos se adiciona a imensa e significante agilidade da assumida colagem de temas, palavras e personagens vicentinas, isto para além de uma encenação tão inspirada quanto criadora.

Ver teatro, participar num espectáculo como aquele que A Barraca tem agora em cena, é vivência que nos torna mais felizes, nos enriquece, nos dá prazer infinito.

Não terá importância discutir aqui os modos positivos e negativos de abordar os chamados clássicos, bem como temas quejandos. É tarefa mais útil a de nos incitar à descoberta, com os sentidos e com a inteligência, do que é o Teatro escrito com maiúsculas, o que envolve a imensa grandeza de um autor incomum compreendido e valorizado (o verbo é mesmo este, não julguem que me equivoquei) por actores e por um encenador. — Ou seja: sempre que daqui para a frente se volte a

Gil Vicente, haverá um marco-referência impossível de não considerar: «É Menino ou Menina?», com dramaturgia e encenação de Helder Costa e actuações de Maria do Céu Guerra e Orlando Costa.

Os espectáculos-colagem são muito frequentemente resvaladiços, de respiração artificial e irregular, propícios a estendais de boas intenções ou não raro resolvidos por processos de fanfaria que se disfarçam à custa de escudos. — Pois bem, «É Menino ou Menina?» não correu aqueles perigos nem nos surge envolto em roupagens monetárias. Estou mesmo certo de que a sua produção corresponde ao espectáculo mais barato que nos últimos anos se fez em Portugal. Onde, talento, inteligência e honestidade de processos continuarem a ser os bens mais inestimáveis de que os artistas podem dispor. (...)

Fernando Midões
in *Diário Popular*, 21-5-80

O perigo será não ter mão das palavras e escrever algo que atraíçoe aquela justa medida das espantosas criações que são todo o conjunto em que se engloba este Gil Vicente, acabado de estrear na Barraca. Tudo nele (Gil Vicente) é novidade: a visão geral do espectáculo, a interpretação e a montagem. Dir-se-ia que este é um Gil Vicente acabado de saltar de alguma nau tomada da Índia ou que de barca regressa do céu, para carregar novas gentes. Porque não me parece que com tamanha economia de meios de caracterização de uma época e com tamanho sentido de modernidade, se tenha feito já um Gil Vicente tão autêntico. Só o queria ver num claustro ou num adro de igreja, numa adegas (ainda que as pipas secas desencorajassem «Maria Parda») ou sobre alguma carroça como a de Garcia Lorca... (...)

Digamos que o espectáculo parte de uma dramaturgia inteligente e de uma leitura muito clara, para que o encadear das «histórias» seja sequência coerente, lógica e fluente, água lustral correndo como os versos de Mestre Gil. Essa leitura do dramaturgista criou ou compôs uma «silva» que se revela ou coloca («mise en

scène») como se o próprio autor ressuscitasse, fresquinho como uma alface, crítico mordaz, jovial e atrevido, pois tal o fez Deus Nosso Senhor, sem as peias da censura nem o peso do «Auto da Alma». (...)

Para melhor compreensão do que escrevo, destinado aos eventuais leitores, pois não se dirige aos profissionais de teatro o meu conceito crítico muito pessoal, acrescentarei que, mesmo os que não conheçam, ou mal conheçam, Gil Vicente, e, sobretudo, aqueles que no liceu aprenderam a «odiá-lo», não devem evitar este espectáculo, temendo não o entender. Gil Vicente é um rapaz terrível pela prodigiosa força de atracção que exerce. E esta será, porventura, a raríssima oportunidade de o leitor travar conhecimento com o maior autor teatral português. (...)

Manuela de Azevedo
in *Diário de Notícias*

(...) E todavia, no espectáculo de «A Barraca», feito a partir dos textos vicentinos, encontramos a gente de hoje, passantes da rua, conhecidos do bairro, o tio da província, os vizinhos do andar de cima. Isto significa já a primeira vitória. (...)

A opção da linha geral, a dramaturgia dos textos, a encenação, as interpretações, a música, a cenografia e o guarda-roupa, (ao todo, 4 pessoas), eis os vasos comunicantes complexos, as mãos enclavinadas.

Sem dúvida, a opção foi feliz e feita à medida dos presentes, certamente, a dramaturgia da montagem é inteligente e tem imensa piada, e mais, demonstra que Gil Vicente é rio largo com muitos peixes; certamente, Maria do Céu Guerra atinge o momento alto da sua carreira — e em algumas sequências, nem sempre as mais vistosas e citadas, a actriz consegue preparar à vista uma fulgurante transformação sem mudar a sua natureza essencial, chegando a operar no papel, uma síntese poderosa: o que consiste no máximo a que pode aspirar o actor moderno numa encenação desenvolta;

Orlando Costa é perfeito como actor em full-time, em porteur da parceira, como músico e cantor; cheio de humor, como os restantes e o mais, de humor e qualidade sensorial, é também o cenógrafo de quase nada, mas cenógrafo rigoroso e que é ainda o mestre de guarda-roupa — que cheira como o seu nome — Jasmim.

Jorge Listopad
in *Expresso*, 31-5-80

Um palco todo negro e de paredes nuas. Violão, guitarra, objectos de barro, roupas ao acaso, legumes e verduras pelo chão. Um grande vazio a ser preenchido com palavras de um senhor engenhoso que por volta de 1502, iniciou a carreira de dramaturgo na corte de D. Manuel, o Venturoso, rei de Portugal. Um homem que desconhecemos embora tão conhecido: Gil Vicente. Tudo isto está no Teatro Ruth Escobar em «É Menino ou Menina?» segundo espectáculo do grupo «A Barraca». (...)

A simplicidade do ambiente descrito decorre da essência da dramaturgia de Gil Vicente para o quotidiano dos humildes, e da proposta estética defendida e praticada pelo elenco e seu director, Helder Costa. Um espectáculo singelo e emotivo nasce desta dupla perspectiva popular e o resultado não poderia ser melhor. (...)

O espectáculo, portanto, é introdução ou — se quiserem — volta ao escritor sem os ranços da representação académica, os monótonos gestos, expressões e imagens arqueológicas. Helder Costa recria a temática vicentina com bons achados de director e o apoio da música especialmente composta por Orlando Costa e dos figurinos, adereços e demais elementos que formam o espaço visual elaborado por Jasmim. (...)

O elenco? A fulgurante Maria do Céu Guerra, dois olhos azulíssimos, cabeleira incendiada e uma garra de actriz que conquista imediatamente a plateia. Ao seu lado, o talentoso actor/cantor, Orlando Costa desdobrando-se em jovem apaixonado, velho malicioso, diabo, marido

possessivo e assim por diante. Há que vê-los. Menino? Menina? Confirmam.

Jefferson del Rios
in *Folha de S. Paulo*, 4-7-80

Ora, pois claro! O espectáculo que há-de marcar este ano 80 e, por si só, o justifica teatralmente, apareceu em Maio e fez a tão ansiada apresentação de Gil Vicente, o único, o maior dos nossos dramaturgos, ao seu público, que comovidamente há tanto o aguardava. Chamou-se *É Menino ou Menina?* e foi a prova provada de que um clássico é um clássico exactamente por toda a gente o poder viver e entender aqui e agora, tal qual como na época dele. E, ao mesmo tempo, deu força e alento para acreditar que o teatro também em Portugal pode ser essa coisa contagiante e maravilhosa que outros públicos de outros países tão bem conhecem. (...)

Calculo que, presentemente, bastante público terá podido já, através da Barraca, ter sido apresentado a Gil Vicente, começando a amá-lo, como antes não era possível. Não sei quanto público. Sei que, de certeza, não o público suficiente, pois este é um espectáculo que todo o público deveria ter o direito de ver.

Por tudo isto, para mim o ano 80 é um ano em que Gil Vicente foi libertado e devolvido ao seu público, contra-atacando os academismos poirentos que o oprimiam, ajudado nessa luta pelo engenho notável de Hélder Costa, que lhe deu uma estrutura e o soube encenar,

através da arte magnífica de Maria do Céu Guerra, que fez regressar à vida moças casadoiras e inquietas alcoviteiras, além de uma inesquecível feiticeira vermelha, mulheres do passado que faziam uma falta enorme no nosso presente, e a quem a magia do Jasmim deu uma tão inesperada quanto bela forma pré-rafaelita. E a quem Orlando Costa deu, quase sempre, a contracena competente, além da música.

E eis como um ano teatral que poderia dizer-se branco (ou negro?) se tornou um ano fundamental, o ano em que Gil Vicente encontrou o público e o público encontrou Gil Vicente. E descobriram que se conheciam perfeitamente.

Vitor Pavão dos Santos
in *O Jornal*, 30-12-80

(...) Ainda mal este acontecimento se tinha produzido, eis que surge *É Menino ou Menina?* e, de repente, fica demonstrada uma das coisas culturalmente mais importantes deste ou de qualquer outro ano teatral: Gil Vicente não é apenas o nosso maior dramaturgo porque os manuais assim o afirmam (embora todas as representações de obras suas parecessem desmenti-lo), Gil Vicente é o maior porque, ali no palco, ele comunica com o público, fala-lhe das suas coisas, hoje com a mesma intensidade de há uns bons 450 anos, sendo muito divertido. (...)

Grande coisa foi esta devolução de Gil Vicente ao seu público! (...)

Vitor Pavão dos Santos
in *Se7e*, 29-1-81

“É MENINO OU MENINA?”

Música de ORLANDO COSTA
com anotação de Eduardo Pais Mamede

TEMA “É MENINO OU MENINA” (págs. 7, 18 e 63)

Qual de nós vem mais can-sa-da nes-ta can-sa-da jor-na-da — Qual de
nós vem mais can-sa-da — Nos-so mar é
for-tu-no-so — Nos-so vi-ver — la-cri-mo-so
É che-gar-vi-go-vo-so Ao ca-bo des-ta jor-na-da — Qual de
nós vem mais can-sa-da nes-ta can-sa-da jor-na-da
Nós par-ti-mos — Ca-mi-aban-do Com lá-gri-mas
Sus-pi-ran-do Sem sa-ber co-mo nem quando fa-vá fim nos-sa jor-
na-da Qual de nós vem mais can-sa-da nes-ta can-sa-da jor-
na-da.

NÔ, NÔ, NÔ, NÔ (pág. 8)

Handwritten musical score for the song "NÔ, NÔ, NÔ, NÔ". The score is written on six staves in a single system. The key signature has two sharps (F# and C#), and the time signature is 3/4. The lyrics are written below the notes. The music features a mix of eighth and sixteenth notes, with some rests and dynamic markings like 'p' (piano). The lyrics are: "Nô, nô, nô, nô nô - nô, nô, nô, nô nô nô - Que no que-vo' star em ca-sa - No nu pa-ja nu sol - da-da Nô, que nô, que nô que no No nu pa-ja nu sol - da-da Nô ten-jo sai-o ni sai-a Nô, no, nô que no, que no No ten-jo sai-o ni Sai-a Nô, no, nô que no, que no."

"SENHORA, POIS ME LEMBRAIS" (pag. 10)

Handwritten musical score for the song "SENHORA, POIS ME LEMBRAIS". The score is written on five staves in a single system. The key signature has two sharps (F# and C#), and the time signature is 3/4. The lyrics are written below the notes. The music features a mix of eighth and sixteenth notes, with some rests and dynamic markings like 'p' (piano). The lyrics are: "Se-nho-ra pois me lem-brais - não se-jais des - co-nhe-ci-da dai ao ple-mes-ta vil-da Que me dais" (repeated 1st and 2nd times). The score ends with a double bar line.

se- Pois á quer
ma- tar com dor três- tu- ra-
e vi- da- do

“JÁ VEDES MINHA PARTIDA” (pág. 11)

Já ve- des mi- nha par- ti- da És meus o- lhos Já se
vão se se par- tea nú- nha vi- da- Cá
me fi- cao co- vá- ção.

“CASAMENTO” (pág. 12)

Eu so- nha- va ma- drum so- nho Dal- gum ou- tro- vi- a- men-
to Há tes- tã tes- ta Há fes- thã tes-
ta Queas bo- das Queas bo- das Queas bo- das São a- qui- Queas bo-
das São a- qui- Queas bo- das São a- qui